



A globalização, nas suas diferentes áreas e segundo a perspectiva em que é analisada, tem seguramente vantagens e desvantagens. O conhecimento mais rápido, quando não instantâneo, do que se passa em todo o lado, permite que aqueles que vivem mais ou menos isolados, por razões de área geográfica, de incapacidade ou dificuldade de deslocação ou outra, possam ter acesso a informação atempada e participar com muita facilidade nas actividades a que se queiram dedicar.

Em Medicina Dentária, o acesso a informação científica e a contactos entre pessoas ou instituições, e as possibilidades de formação académica pré e pós-graduada está cada vez mais facilitado.

Esta “facilidade” tem como premissa o uso duma linguagem comum. Aos poucos o inglês ocupou o lugar de língua franca, em detrimento das línguas nacionais. De facto, quem pretender fazer uma pesquisa bibliográfica ampla sobre qualquer tema da nossa área científica e profissional, irá ter que utilizar o inglês. Os artigos que não estejam publicados nesta língua revelam-se inacessíveis para a maioria da comunidade internacional.

Muitas instituições universitárias têm vindo a leccionar em inglês como forma de minimizar este isolamento e facilitar a sua internacionalização. Alunos estrangeiros podem assistir a aulas noutros países (integrados ou não em programas de cooperação). Professores ou conferencistas visitantes podem preparar e ministrar aulas em qualquer parte do mundo sem se preocuparem com a nacionalidade dos ouvintes. Em Portugal, aulas em inglês já ocorrem em múltiplas Faculdades. A sua inexistência noutras, nomeadamente na FMDUP, tem levado a que os estudantes do ERASMUS apenas sejam obrigados a assistir às aulas práticas, nomeadamente clínicas.

Todos sabemos as condicionantes na escolha de conferencistas para os nossos congressos que não se expressem em português, seja de Portugal ou do Brasil. Ficamos reduzidos aqueles que se expressem em espanhol ou em inglês. E mesmo para estes tem muitas vezes de se recorrer a tradução simultânea, de custos elevadíssimos e com consequente perda de vivacidade da comunicação ou mesmo da sua qualidade, pois nem sempre é fácil contratar tradutores com prática na terminologia médico-dentária.

No caso das revistas científicas, como o desta em que escrevemos e em que temos responsabilidades, torna-se necessário tomar medidas práticas para otimizar a divulgação dos artigos aqui publicados

Várias opções podem ser colocadas. Todas elas já foram aplicadas em diferentes países e situações, com resultados nem sempre semelhantes, pelo que a decisão não é fácil nem isenta de riscos.

Basicamente devemos assumir que devemos caminhar para a publicação de todos os artigos em inglês. O problema põe-se quanto à obrigatoriedade da publicação dos artigos também em português, isto é, da revista ser bilingue, ou da aceitação de artigos noutras línguas que não a portuguesa ou inglesa, tal como já aconteceu da nossa revista.

Numa altura em que as dificuldades económicas inerentes à publicação da revista são enormes, em que não podemos correr o risco de voltar a interromper a sua publicação regular – indispensável para conseguir a sua indexação, nosso objectivo a breve prazo – nem de dificultar a recepção de artigos originais com elevada qualidade, parece-nos sensato dar apenas um passo parcial na sua internacionalização: aceitar artigos para publicação quer em português, quer em inglês, quer ainda em português e em inglês (artigo bilingue).

Partimos de diferentes premissas, algumas das quais são real ou aparentemente contraditórias e estão em rápida modificação, pelo que poderão não ser válidas a médio prazo:

- Parte substancial dos médicos dentistas portugueses tem ainda dificuldade em ler artigos em língua inglesa;
- Não devemos abandonar o mercado de 200 milhões de falantes em português que existem pelo mundo fora;
- Temos de começar a publicar em língua inglesa, possibilitando assim que os nossos artigos possam ser integralmente lidos, e não apenas o seu resumo, em todos os países;
- É imprescindível cativar autores doutros países, o que dificilmente acontecerá se apenas publicarmos em português;
- A publicação em inglês facilitará a indexação da revista, e que continua a ser um dos nossos objectivos;
- A publicação apenas em português (tal como acontece actualmente) ou só em inglês (permitido a partir deste número) não coloca problemas logísticos nem legais, pois a generalidade dos revisores da nossa revista não terão dificuldades acrescidas, e os autores serão sempre os responsáveis legais pelo seu conteúdo.
- A publicação bilingue coloca alguns problemas, nomeadamente da contratação de uma empresa que faça ou controle a qualidade da tradução, com consequentes custos económicos, que neste momento não estamos em condições de assumir, mas que poderão ser eventualmente assumidos pelos autores.

Em resumo, a decisão que aqui anunciamos é indubitavelmente um pequeno mas importante passo para a afirmação da Revista da SPEMD como revista científica. Oxalá os autores, assinantes, leitores e anunciantes assim o entendam.

Um abraço do

Sampaio Fernandes